

EDUCAÇÃO AMBIENTAL PARA ÍNDIOS: UMA EDUCAÇÃO NECESSÁRIA?

Canavarros dos Santos, Edmilson Tadeu- Universidade Metodista de Piracicaba
Carneiro Tomazello, Maria Guiomar - Universidade Metodista de Piracicaba.

Resumo

A pesquisa, que se caracteriza como um estudo de caso, teve por objetivo investigar as idéias de professores indígenas xavante da reserva de Sangradouro/Mato Grosso/Brasil sobre educação ambiental e problemas ambientais. A reserva está situada num dos maiores ecossistemas do Brasil, o cerrado, que se encontra em avançado estado de degradação.

Palavras-chave: educação ambiental; educação indígena; índios xavante, cerrado.

Abstract

This research, that is a study of case, has had as objective to investigate if xavante's teachers from Sangradouro's Reserve (MT – Brazil) work with environmental questions inside classroom. The Reserve is situated in the biggest ecosystems of Brazil, the scrub, which is in the advanced state of degradation.

Key words: environmental education; indigenous education; xavantes, scrub, formal education.

Introdução e objetivos

A pergunta que serve de título a este artigo surgiu após a leitura de um texto de D'Angelis, denominado "Contra a ditadura da escola", em que ele faz a defesa de uma escola indígena de qualidade que fosse capaz de apenas duas coisas: ter um bom ensino de matemática e a de formar leitores e não meros decifreadores de sílabas. *Para que uma comunidade indígena quer escola? Que função a escola tem ou a comunidade está disposta a lhe conferir?* (D'Angelis, 1999, p.20).

Para o autor, nos casos em que se pode investir em uma escola com um currículo completo, ela não deve conflitar com as formas próprias e particulares de educação, isto é, não deve tomar espaços que pertencem às formas próprias da cultura indígena "escolarizando" conteúdos que não dizem respeito à escola.

Concordamos com o autor no sentido de reafirmar que cada escola indígena tem que traduzir as necessidades de uma comunidade específica, pois, na maioria dos casos, as

instituições são tentativas de “tradução” da escola para um *contexto indígena* (D’Angelis, 1999). Seguindo essa linha de raciocínio, parece não fazer sentido a escola trabalhar o conteúdo transversal “meio ambiente” para quem tem um conhecimento diferente da sociedade ocidental no que se refere às formas de sustentação da vida e de consumo, ou seja, para quem tem padrões culturais que deveriam servir de exemplo para todos nós.

A educação escolar indígena no Brasil teve início com o estabelecimento dos colonizadores portugueses em terras brasileiras que colocaram em ação, a partir desse momento, uma política educacional para os povos indígenas calcada nos preceitos educacionais do mundo ocidental. Tal postura etnocêntrica legitimava a atuação civilizatória com o objetivo de integrar o índio à sociedade ocidental e cristã de então. Coube aos missionários religiosos a tarefa educacional. Estes implementaram entre os povos indígenas, uma ação educacional fundamentada na prática da catequese. Do ponto de vista da política colonial, o propósito era o de submeter os indígenas aos ditames da metrópole portuguesa, de modo a integrá-los como mão-de-obra-escrava. A legislação indigenista neste período refletiu tal aspecto e procurou resolver os problemas relativos à escassez de mão-de-obra permitindo a captura e a escravização do índio.

Os religiosos de “vida apostólica” entre os quais encontramos Lazaristas, Capuchinhos, Salesianos (estes já no fim do Império), Filhas da Caridade, Irmãs de São José de Chambéry, Dorotéias são valorizados por poderem prestar “serviços úteis” à nação: educação, saúde “civilizar” índios¹, tomar conta de regiões afastadas e fronteiriças, etc., com poucas despesas para o governo (Matos, 2001, p. 202-212). O processo de independência e o advento do Império no Brasil não trouxeram mudanças significativas na área educacional em relação ao período colonial. A educação continuou sendo realizada nos moldes tradicionais da catequese e da civilização, sob a tutela da Igreja Católica, que resultou mais tarde em agrupamentos dos índios, facilitando com isso, apropriação de suas terras.

A influência dos não-índios, os cristãos, nos 500 anos de colonização e evangelização foi tão forte sobre a cultura Xavante que, segundo Lachinitt, (1998, p.46), os Xavante ao entrarem nas missões salesianas tomaram a decisão de se tornarem “brancos”, de abandonarem a sua indianidade. Até as próprias comunidades indígenas, viam no ensino da língua Xavante uma pura perda de tempo. Os caciques queriam ver seus filhos iguais aos brancos. No final da década de 70 o ensino da língua materna já era uma prática na escola da Aldeia Indígena Merúri, comandada pelos missionários salesianos.

Apesar da colonização e evangelização, segundo Melià (2000, p. 11-12):

Subsiste uma variedade de povos indígenas com suas línguas e culturas; às vezes sem suas línguas, mas sim com suas culturas. Esses povos não só superaram a prova do período colonial, mas também os embates da assimilação e da integração de tempos mais recentes.

Os ataques à alteridade e à diferença, segundo o autor, deram-se de muitas formas: imposição de uma língua e de um currículo nacional e professores para os povos indígenas, que eram basicamente os programas e projetos das antigas missões. Hoje, porém, há livros

¹ O Império consolidou uma idéia do índio incapaz mental e juridicamente, declarando, por decreto (1845), o seu caráter de orfandade, o que lhes dava o direito de tirar grande parte de suas terras e justificava uma política paternalista que os tratava como crianças.

e cartilhas em língua indígena e professores indígenas. São conquistas importantes, mas não suficientes para remontar a corrente da perda da alteridade e recuperar as diferenças. Há professores indígenas, mais jovens, que não tiveram uma educação tradicional e que são nomeados pela comunidade exatamente por parecerem estar mais integrados ao sistema nacional e não com o modo de ser tradicional. Por outro lado, há professores indígenas que têm uma consciência crítica dos problemas da comunidade ou de seu povo, de tal modo que a escola tem sido o lugar onde se originaram movimentos de resistência e de reivindicação de direitos. (Melià, 2000, p.14-15).

Esse trabalho tem por objetivo investigar as idéias dos professores indígenas Xavante da reserva de Sangradouro/Mato Grosso no que diz respeito às questões ambientais e à Educação Ambiental.

O Local do Estudo

Desde o início do século passado (1904, em Sangradouro), com os índios Bororo, e mais tarde com os Xavante, em 1954, os Salesianos desenvolvem projetos educativos. A escola estudada, localizada na Terra Indígena² de Sangradouro/Volta Grande/MT nasceu da influência missionária dos Salesianos e a maioria dos seus professores foi formada por eles. A reserva fica em meio ao cerrado, que é um dos maiores e mais importantes ecossistemas do Brasil e que se encontra em estado acelerado de degradação. Estudos da ONG ambientalista Conservação Internacional Brasil (CI-Brasil) indicam que o Cerrado deverá desaparecer até 2030. Dos 204 milhões de hectares originais, 57% já foram completamente destruídos e a metade das áreas remanescentes estão bastante alteradas, podendo não mais servir à conservação da biodiversidade. A taxa anual de desmatamento no bioma é alarmante, chegando a 1,5%, ou 3 milhões de hectares/ano. As principais pressões sobre o cerrado são a expansão da fronteira agrícola, as queimadas e o crescimento não planejado das áreas urbanas. A degradação é maior em Mato Grosso do Sul, Goiás e Mato Grosso, no Triângulo Mineiro e no Oeste da Bahia (Margit, 2004).

As queimadas em terras indígenas tornaram-se um problema, de acordo com os dados fornecidos pelo Inpe (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais) ao Ibama. Os técnicos não sabem se o fogo é colocado pelos índios ou se entrou nas reservas vindo de fora, colocado pelos fazendeiros. Junto com a biodiversidade estão desaparecendo ainda as possibilidades de uso sustentável de muitos recursos, como plantas medicinais e espécies frutíferas que são abundantes no cerrado. Na Terra Indígena de Sangradouro que possui 100. 280 hectares e 13 aldeias vivem hoje cerca de 874 índios, sendo que a escola possui 430 alunos e 22 professores indígenas. Para todos, o cerrado é a maior fonte de sobrevivência.

Metodologia

A pesquisa qualitativa se apóia nos pressupostos teórico-metodológicos do *estudo de caso* que consiste na observação detalhada de um contexto, de um indivíduo,

² A definição de terras tradicionalmente ocupadas pelos índios encontra-se no parágrafo primeiro do artigo 231 da Constituição Federal: são aquelas “por eles habitadas em caráter permanente, as utilizadas para suas atividades produtivas, as imprescindíveis à preservação dos recursos ambientais necessários a seu bem-estar e as necessárias a sua reprodução física e cultural, segundo seus usos, costumes e tradições”.

de uma fonte de documentos ou de um acontecimento específico (Bogdan; Biklen, 1994). O foco do estudo centrou-se na escola de Sangradouro/Volta Grande dirigida por Salesianos, uma vez que um dos autores é também Salesiano, o que facilitou o contato com os professores indígenas. Questionários semi-estruturados e entrevistas foram realizadas com o objetivo de se conhecer as idéias dos professores indígenas sobre as questões ambientais que afligem a reserva e sua posição enquanto professor no que tange à educação ambiental dos alunos. A amostragem (entre entrevistas e questionários) compreendeu ao todo 22 professores indígenas. Os dados foram transcritos e as respostas³ selecionadas e analisadas.

Resultados e Discussão

Responderam ao questionário 17 professores e à entrevista 5 professores. Em relação à questão **“Quando você planeja e ministra uma aula, o que mais valoriza?”** as respostas, em sua maioria, mostram a preocupação com o aprendizado da língua portuguesa e com a transmissão da cultura indígena. Somente um dos professores destaca a questão ambiental.

A gente prepara os conteúdos que é a realidade da comunidade. Como os Xavantes vivem no tempo passado e atual. Vive conjunto/separado; compartilha o mantimento de consumo; respeitar os clãs; preserva a cultura. O que agente sempre trata o tema é preservar a cultura. Porque em cada tempo que passa as coisas, mais valores vão mudando pela nova geração, é cada pessoa que está por traz, que não valoriza a cultura nossa o Deus nos deu pra nós como deve ser.

(...) o mais importante é conhecer melhor a história dos nossos ancestrais e ao mesmo tempo compreender a história da sociedade não índia.

Formação de orações na língua xavante e língua portuguesa; Saber traduzir as orações.

(...) é dar as atividades de educação ambiental como preservar e conservar a natureza tudo que envolve a nossa região. Esse é prioridade para a nossa comunidade e alunos em sala de aula. É claro que a gente dá as disciplina de português, língua xavante e outras...

Em relação à questão **“Você realiza com os alunos alguma(s) atividade(s) que considera como sendo de Educação Ambiental? Qual (quais)?”**, a maioria não faz nenhuma atividade e/ou projeto de educação ambiental com seus alunos. Um deles diz passar um filme que discute a temática ambiental. Eles relatam os temas importantes na área ambiental, mas não as atividades desenvolvidas.

Nunca fiz as atividades específicas com as crianças, mas sozinho eu faço para fazer a experiências em relação do meio ambiente.

Sim, realizo através do filme do Mestre Adalberto Heide e palestra, só no tempo de seca que os velhos faziam queimada e a caça para o casamento e festa ritual.

³ As respostas foram transcritas de acordo com os originais, sem qualquer tipo de correção.

Como atividade específica, aplico a temática “A queimada”, pois o fogo destrói a vida da natureza, dos animais, dos insetos, por isso não pôr fogo, se não queima a vida. Às vezes quando quer fazer a roça, faça mas não é tanta derrubar a mata só para plantar algumas coisas que serve para comer.

Preservação do cerrado, sem destruição, desmatamento. Manter as ervas medicinais nas terras indígenas.

Em relação à questão **“Na sua opinião, quais são os principais problemas ambientais da reserva e quem são os responsáveis?”**, a maioria destaca a poluição das águas, o desmatamento, o lixo e a falta de alimentos naturais como a caça e as frutas. Citam como a degradação ambiental afeta os costumes e as tradições dos xavante.

(...) por exemplo aqui dentro área tem plantas naturais estão acabando porque eles os fazendeiros usam os inseticidas, os agrotóxicos então isso depreda muito a área.

(..) tem um avião agrícola que passa em cima da área então isso prejudica muito. A poluição dentro da área então isso dá muito problema para o nosso povo.

Como a gente vive hoje já começamos sentir a falta desses alimentos naturais como a caça, as frutas que a gente já percebeu que acabou hoje porque a agente procurou entrar nas fazendas e os fazendeiros acham que a gente está procurando invadir desrespeitando a prioridade por causa disso já recebeu muita denúncia dos fazendeiros procurando mandar polícia atrás do povo xavante (...) e estão acabando a caça a gente manter as festas as tradições por causa disso que a gente não está tendo mais esse casamento por causa que os animais estão acabando.

Bom o que eu falo os produtos químicos que começa a invadir nos rios Sangradouro e rio das Mortes. Porque o rio das Mortes nasce lá perto da pra lá de Campo Verde e então lá tem bastante fazenda. Então vem grande contaminação lata, lixo, tudo então esse é um problema sério.

Os venenos você nem vão perceber através da água bebendo, através da planta que você pega e come, através do as animais que você mata, peixe e você não ta percebendo e você está morrendo. (ancião xavante)

Um problema novo para eles é o lixo produzido pela própria comunidade, com materiais trazidos da cidade, conforme o relato de um dos professores.

(...) quando a gente sai pra cidade a gente traz assim alguns produtos então quando a gente traz aqui nós não sabemos ainda pra gente faz (...) a gente fala com alunos com nossa família também com a comunidade pra não jogar o lixo.

Em relação aos causadores da degradação ambiental são unânimes em afirmar que os não-índios, os fazendeiros, são os maiores destruidores, pois para o plantio, especialmente da soja, estão desmatando grande parte do cerrado. Entretanto, também se

consideram responsáveis por parte da degradação devido ao hábito de efetuar queimadas para o plantio de milho e mandioca. O depoimento de um deles, no entanto, deixa claro que, às vezes, a queimada é feita pelos próprios índios, sem critérios.

Na nossa reserva, às vezes os homens, as mulheres põem fogo de qualquer jeito ou no tempo errado. Assim os vegetais e os animais morrem sem uso para nada.

(...) eu acredito que o maior provocador da degradação, talvez o não-índio porque desmata com maior quantidade de solo, o índio provoca somente com a queimada do cerrado.

Do meu ponto de vista a maior estrago vem do homem branco e um pouco do índio.

Considerações finais

De forma geral, os professores indígenas Xavante de Sangradouro têm conhecimento dos problemas ambientais e alguns até lideram movimentos contra a degradação do cerrado e da reserva. Entretanto, poucos trabalham com as questões ambientais em sala de aula, o que a nosso ver seria necessário. Percebe-se que a maioria tem clareza que as queimadas provocadas por eles dentro da reserva colaboram com a degradação do cerrado. Muitos animais e vegetais estão em extinção no cerrado o que exigiria dos índios uma mudança de hábitos, com o objetivo de preservar a fauna e a flora, uma vez que as reservas são “ilhas” dentro de imensas plantações de soja e algodão e talvez o único espaço para esses seres vivos.

Apesar de viverem praticamente isolados, eles não estão colocados numa redoma de vidro. Os problemas ambientais globais e os do seu entorno chegam às aldeias tais como o efeito estufa, a poluição do ar e das águas, os agrotóxicos, a perda da biodiversidade, entre outros. Embora eles manejem a natureza muito melhor do que nós, eles têm que ter um conhecimento global sobre os problemas ambientais, sobre a legislação, sobre as questões políticas, para a sua própria sobrevivência.

Os dirigentes das escolas indígenas, os órgãos ligados à educação, em todos os níveis, deveriam dar um destaque para a educação ambiental, pois os professores indígenas repetem o que lhes foi ensinado, isto é, eles não podem ensinar algo que não dominam.

Sem a caça, sem a pesca, sem água de qualidade, sem as plantas medicinais, as comunidades indígenas correm sérios riscos, por isso, são necessárias políticas públicas que busquem a sustentabilidade das aldeias, através de alternativas econômicas, da recuperação das áreas degradadas, da perfuração de poços artesianos, quando for o caso, além do incentivo ao ecoturismo e ao artesanato sustentável. Eles têm a aprender conosco, mas como diz Melià (1999, p.16) *a educação indígena não é a mão estendida à espera de uma esmola. É a mão cheia que oferece às nossas sociedades uma alteridade e uma diferença, que nós já perdemos.*

Referências

- BOGDAN, R.; BIKLEN, S.(1994) *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto/Portugal: Porto Editora.
- D´ANGELIS, W. R.(1999). Contra a ditadura da escola. *Cadernos Cedes*, ano XIX, nº 49.
- GRÜN, M. *Ética e Educação Ambiental*.Campinas: Papyrus, 1996.

- LACHNITT, J.(1998). Pastoral Amazônica. In: SEMANA DE ESTUDOS MISSIONÁRIOS. Campo Grande - MS, 5-10, p. 45.
- MARGIT, A. (2004). *2030: O Ano Final do Cerrado*. Disponível em: <<http://www.ambientebrasil.com.br/>>. Acesso em 20/02/2005.
- MATOS, H. C. J. (2001). *Nossa história: 500 anos de presença da Igreja Católica no Brasil*. São Paulo: Paulinas. Coleção Igreja na História de 3 tomos.
- MELIÀ, B. (1999). Educação Indígena da Escola. *Cadernos Cedes*, ano XIX, nº 49.